Convívio e conflito nos trópicos: portugueses e galegos no Rio de Janeiro

Érica Sarmiento
UERJ / PPGH – Universidade Salgado de Oliveira

"O Minho nos une": galegos e portugueses nas migrações intrapeninsulareses

A HISTÓRIA DA EMIGRAÇÃO GALEGA AO BRASIL conta com um precedente tradicional: as migrações de curta e média distância ou os chamados deslocamentos intrapeninsulareses. Antes de cruzar o atlântico, a partir da segunda metade do século XIX, na "enxurrada" das migrações de massa, os galegos tinham nas cidades portuguesas, especialmente as do norte, o seu destino preferencial. Este tipo de emigração reunia atividades agrícolas e do setor secundário, e servia para as famílias camponesas do norte da Península Ibérica como forma de complementar a renda da economia familiar de subsistência galega. "Todo este conjunto de actividades no respondía tanto a un proceso de crecimiento y desarrollo productivo, como a un movimiento defensivo de la precaria estabilidad de las economías familiares".[1]

A maioria das freguesias galegas experimentou, anteriormente, alguma modalidade de emigração peninsular, como, por exemplo, o deslocamento dos ceifeiros em Castela e Andaluzia e a emigração estacional de trabalhadores agrícolas e de canteiros do nordeste da província de Pontevedra a Portugal e a outros pontos da península. Essa circulação de homens dentro da Península foi durante séculos, a possibilidade de equilibrar a economia de muitas famílias camponesas. Para a realidade dos minifúndios galegos, a saída dos varões das aldeias, ainda que de forma temporal, significava um incremento da capacidade alimentar do grupo. Em locais onde viviam muitos homens e pouca terra para dividir, as ausências em determinadas épocas do ano, trazia contribuição com dinheiro em metálico para os lares, algo fundamental em uma economia de subsistência. Dessa forma, os camponeses pagavam seus impostos e dívidas, além da possibilidade da compra de bens imóveis e de animais, que permitiam o incremento das suas propriedades.[2]

1 VÁZQUEZ, Alejandro González. *La emigración gallega a América, 1830-1930*. Tese (doutorado) – Faculdade de Geografia e Historia, Universidade de Santiago de Compostela, 2 vol., 1999, p. 209.

2 FERNÁNDEZ CORTIZO, Camilo. "Emigración peninsular y americana en tierra de montes (1700-1914)". *Revista da Comisión Galega do Quinto Centenario*, nº 7, 1990, p. 175.

O historiador português Jorge Fernandes Alves, ao estudar a imigração galega no Porto, em seu artigo "Peregrinos do traballo Perspectivas sobre a inmigración galega em Porto", chama a atenção para o fato da semelhança linguística e comportamental entres os galegos e os portugueses do Norte, darem a estes últimos o apelido de "galegos do Minho".[3] É conhecida e abundante a variedade de estudos que envolvem as migrações intrapeninsulareses e a conseguinte relação que existia entre galegos e portugueses ao longo do século XVIII e XIX.[4] Regiões fronteiriças reúnem características histórias e culturais que ultrapassam qualquer construção política. E assim foi com a Galiza e com Portugal.

Na Galiza rural, de pequenos proprietários, as migrações a regiões próximas, como Castela e as cidades do Norte de Portugal, fazia parte do planejamento das famílias camponesas, que se deslocavam em buscar da complementação da economia doméstica. Muitos dos varões galegos, com ofícios de canteiros, marceneiros ou carregadores de mercadoria, deixavam suas aldeias para permanecerem temporadas em cidades portuguesas como Porto ou Lisboa.

Dessa forma, temos um comportamento migratório que vai se definindo desde o começo do século XVIII, como o nordeste atlântico e o centro-sul da província de Pontevedra, que se dirigiam às cidades do norte de Portugal, como Porto, Braga, Viana do Castelo; e as freguesias de Ourense, como as serras de Avión-Suido que se deslocavam para o ocidente português (Douro e Traz-os-Montes), avançando até Lisboa, Setúbal e Évora. Já a chamada região das Rias Baixas (Morrazo, Salnés) e os vales de Ulla e Umia (municípios de Vedra, Caldas) preferiam como destino a Andaluzia. Entre as zonas que mantiveram uma tradição migratória a Madrid e Castela, desde começos do século XVIII, encontram-se aquelas que correspondem à Terra de Vimianzo e Soneira e toda a costa de Fisterra. Dirigindo-se mais ao interior, na chamada altiplanície de Xallas, a emigração a Castela, a partir das primeiras décadas do XVIII, começa a competir com a portuguesa, como foi o caso do município de Santa Comba, localizado na província de A Coruña.[5] Um século depois, no alvorecer da emigração de massa, Santa Comba seria o Concelho galego com maior contingente no Rio de Janeiro.

Ao longo do segundo terço do século XIX, produz-se uma lenta e progressiva transferência, dessa emigração interior para a atlântica, iniciando-se pelas áreas das freguesias do litoral galego e se estendendo, com meio século ou mais de atraso, às localidades mais interioranas. Devemos levar em consideração que a Galiza está formada por quatro províncias: A Coruña, Pontevedra (as províncias litorâneas) e Lugo e Ourense (as que se encontram no interior). O sul das províncias de Pontevedra e Ourense são áreas fronteiriças a Portugal e representam regiões de intensa emigração ao Rio de Janeiro. Isso nos leva a concluir, baseado nos estudos de emigração intrapensinular, que esses fluxos

3 ALVES, Jorge Fernandes. "Os brasileiros da emigração no Norte de Portugal". In: ALVES, Jorge Fernandes (coord.). *Os "brasileiros" da emigração.* Vila Nova de Famalicão, Câmara de Vila Nova de Famalicão, 1998, p. 233-247.

4 Vide o conhecido trabalho de EIRAS ROEL, A. e CASTELAO, Ofélia Rey (eds.). *Migraciones internas y médium-distance en la Península Ibérica, 1500-1900.* Santiago: Xunta de Galicia, 1994.

5 EIRAS ROEL, A. "Para unha comarcalización del estudio de la emigración gallega. La diversificación intrarregional a través de los censos de población (1877-1920)". In: EIRAS ROEL, A. (ed.). *Aportaciones al estudio de la emigración gallega: un enfoque comarcal.* Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 1992, p. 14-16.

de trabalhadores portugueses na Galiza, e de galegos em Portugal, exerceram forte influência nas pautas migratórias e na decisão de escolha de destino de milhares de galegos que poderiam ter elegido outros países como Cuba, Argentina ou Uruguai, por exemplo.

> Desde esta perspectiva se señala, por ejemplo, que en las provincias de Lugo y Ourense, como también en ciertas tierras de transición hacia la Galicia interior, la corriente migratoria no tiene un carácter tanto definitivo cuanto estacional, alimentando el traslado temporal de segadores a la meseta interior, de arrieros, de tenderos, buhoneros, o de canteros, y en mucha menor medida, de carpinteros hacia Portugal o los reinos de León y Castilla.[6]

A influência da emigração *intrapensinsular* nos posteriores destinos americanos, para o caso de Brasil, se associa a municípios ou áreas que emigraram a Portugal. Como exemplos, segundo estudos realizados por vários especialistas, temos a área geográfica do sudeste de Pontevedra, mais especificamente os concelhos de Pontecaldelas, Fornelos de Montes, A Lama e Cotobade; o município de Santa Comba, da província de A Coruña, e, por último, o Concelho de Melón, localizado na província de Ourense.[7] Esses municípios são os que apresentam o maior contingente emigratório a Rio de Janeiro dentre todos os municípios de suas respectivas províncias.[8]

Esses fluxos migratórios, demarcados em províncias ou freguesia, estão vinculados à situação social, econômica e demográfica da Galiza do Antigo Regime. Segundo Vázquez:

> La Galicia del siglo XIX heredó una densa población y también lo básico del sistema económico-social de Antiguo Régimen que permitió el aumento de aquélla. Al entrar en crisis el viejo régimen económico-social, las zonas más pobladas, las de mayores niveles de desarrollo de la economía tradicional sufrieron una fuerte recesión, y su estructura sectorial y laboral comenzó una importante y lenta reestructuración. Una alta densidad de población en las áreas costeras no era sólo una característica gallega, sino también de la geografía española. La ligazón entre densidad demográfica y emigración es de carácter complejo e indirecto. Las más altas densidades demográficas y demoeconómicas se ubicaban

6 FERNÁNDEZ CORTIZO, Camilo. "Trabajar por sus oficios fuera del reino. El éxodo estacional en la Tierra de Montes (ss. XVII-XIX)". In: EIRAS ROEL, A. (ed.). *Aportaciones al estudio... op. cit.*, p. 45.

7 Vide GONZÁLEZ LOPO, Domingo. "Una aproximación a la emigración de la Galicia Occidental entre mediados del siglo XVII y el primer tercio del XX, a través de las fuentes protocolares y archivos parroquiales". *Revista da comisión galega do quinto centenario*, nº 6, 1990, p. 135- 169; BARREIRO MALLÓN, Baudilio. *La jurisdicción de Xallas en el siglo XVIII: población, sociedad y economia*. Santiago de Compostela: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela, 1977; FERNANDEZ RODRIGUES, M. A. "Evolución migratoria en el municipio de Melón: mediados del siglo XVII a comienzos del siglo XX". In: EIRAS ROEL, A. (ed.). *Aportaciones al estudio... op. cit.*, p. 167-176.

8 Vide SARMIENTO, Érica. *Galegos no Rio de Janeiro (1950-1970)*. Tese (doutorado) – Faculdade de Geografia e Historia, Universidade de Santiago de Compostela, 2006.

> generalmente en áreas litorales y prelitorales del entorno de puertos ligados directa e indirectamente con América.[9]

Seguindo o mesmo autor, a respeito da causas da emigração e das condições do campo, afirma:

> La mayor densidad de población gallega no generó la emigración, pero tomada como factor impulsivo ambiental, cabe considerar que en una economía básicamente tradicional y con predominio de una muy democrática distribución de la tendencia de explotaciones productivas minúsculas, cualquier tipo de crisis general, estructural o coyuntural, abocaría al subempleo, a la miseria, a forzar los límites de la subsistencia, o a la emigración, a una importante cantidad de moradores por kilómetro cuadrado.[10]

Alguns municípios da província de Pontevedra, aqueles localizados no centro e no sul, têm uma antiga tradição emigratória ao Brasil, já registrada desde a década de 50 do século XIX. Segundo estudos realizados por González Lopo,[11] nos arquivos paroquiais pertencentes aos municípios de Ponte Caldelas, Fornelos de Montes, A Lama e Cotobade aparecem informações que indicam um claro predomínio de emigração a Portugal, o que facilitaria os primeiros contatos dos galegos com o Brasil. Em outra zona pontevedresa, na chamada Terra de Montes, que engloba os municípios de Beariz, Cerdedo e Forcarei, a partir de meados do século XIX, Brasil passa a ser o principal destino de atração americano, principalmente as cidades de Santos e São Paulo e, em menor medida, Rio de Janeiro.[12]

Segundo Fernandes Alves, são diversas as estimativas sobre os galegos em Portugal, mas é preciso ter certa cautela quanto às estatísticas oficiais, que começam a oferecer maior credibilidade somente nos finais do século XIX. A precaução ao analisar esse tipo de informação, deve-se ao fato de se tratar de um movimento difícil de detectar, frequentemente clandestino, e com um forte componente de sazonalidade, dirigida para os campos do sul e para as vinhas do Douro. No censo português de 1890, apareceram 27.138 espanhóis, dos quais 4.049 para o distrito do Porto, sendo 3.408 residentes na cidade e distribuindo-se o restante pelos demais concelhos do distrito. Dessa forma, a imigração galega para o Porto (e para Portugal, em geral) resistiu bastante tempo à alternativa transoceânica.[13]

Na cidade do Porto estava um dos principais portos de embarque para o Brasil, não somente de portugueses como também de galegos Vázquez, permanecendo o mesmo nível de importância até os

9 VÁZQUEZ, Alejandro González. *Op. cit.*, p. 160.

10 *Ibidem*.

11 GONZALO LOPO, Domingo. "Los movimientos migratorios en tierras del interior de la provincia de Pontevedra entre 1801-1950: características y puntos de destino". In: CAGIO, Pilar (ed.). *Galicia nos contextos históricos*. Universidad de Santiago de Compostela, *Semata*, nº 11, 2000, p. 270-278.

12 FERNÁNDEZ CORTIZO, Camilo. "Emigración peninsular y americana en tierra de montes (1700-1914)". *Revista da Comisión Galega do Quinto Centenario*, nº 7, 1990, p. 182.

13 FERNANDES ALVES, Jorge. *Os Brasileiros: emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: Porto eds., 1994, p. 95-97.

inícios da década de 70 do século XIX. A partir daí, a instalação de grandes companhias transatlânticas a vapor nos principais portos galegos facilitara a saída direta rumo ao Brasil. Por exemplo, no ano de 1882 embarcaram desde portos espanhóis 383 galegos frente a 24 espanhóis que saíram desde o Porto. Em 1887, a diferença aumenta, com 535 galegos embarcados desde Espanha e somente 22 do Porto. Portugal serviu não só como influência na emigração intrapensinsular e, posteriormente, transoceânica, como também de "ponte", desde os seus portos, para os galegos que se dirigiram para o Brasil.[14]

Através vizinhos lusitanos, os naturais da província de Pontevedra passaram a ter referências do Brasil, surgindo oportunidades de emigrar inclusive clandestinamente pelos portos de Leixões, Porto e Lisboa.

Segundo Yáñez Gallardo:

> las provincias gallegas y leonesas orientaban una parte de sus migraciones al Brasil a traves de puertos portugueses, aprovechando la proximidad geográfica y la constante afluencia de buques que trasladaban a los emigrantes portugueses al Brasil. Las facilidades que ofrecían los agentes de colonización que enganchaban emigrantes para el Brasil y la identidad cultural de las zonas limítrofes permitieron la contínua filtración de la frontera entre los dos lados.[15]

Ainda que nos deparemos com índices emigratórios em quase todos os concelhos pontevedreses, o centro-sul da província de Pontevedra é, sem dúvida, a zona de maior fluxo a Rio de Janeiro. No limite com o Minho português e sofrendo influência desses vizinhos, essa região galega foi desencadeando uma emigração que atingiria quase todos os municípios pontevedreses (com maior ou menor intensidade), mantendo uma continuidade e a sobrevivência de cadeias migratórias ao longo de mais de um século. Os portugueses se adiantaram a essa emigração, claro está, por questões históricas, alternando, assim como os galegos, os destinos entre Brasil e as regiões intrapeninsulareses. Assim se refere Jorge Fernandes Alves em sua publicação sobre a região minhota portuguesa:

> Zona de elevada densidade populacional, o Minho surge, então, como um espaço de "deserção contínua", em sintonia com outros movimentos (de Trás os Montes e Beiras) de sentido Norte-Sul, onde não se excluem os galegos que, para além duma distribuição geral pelo País, controlam determinados segmentos do mercado de trabalho (desde o plantio de colheita das vinhas do Douro até as profissões urbanas de baixa condição.[16]

14 VÁZQUEZ, Alejandro González. *Op. cit.*, p. 345-347.

15 YÁÑEZ GALLARDO, César. *La emigración española a América (siglos XIX y XX)*. Colombres: Archivo de Indianos, 1994, p. 90.

16 FERNANDES ALVES, Jorge. *Op. cit.*, p. 70.

As saídas clandestinas também representam uma realidade da emigração galega que está diretamente imbricada com as fronteiras portuguesas. Uma das razões da clandestinidade e do uso dos portos portugueses por parte dos galegos é a fuga do serviço militar. Durante grande parte do período que abrange os anos de 1830 e 1930, os prófugos continuaram se deslocando intensivamente a outras partes da península. Com a consolidação da emigração à América, os prófugos que antes se encaminhavam até as cidades castelhanas e andaluzas começaram a optar por outros destinos mais longínquos, como Cuba e Rio de la Plata. Nas áreas correspondentes ao interior da província de Pontevedra, o ocidente de A Coruña e demais zonas fronteiriças com o norte de Portugal, os jovens orientavam-se majoritariamente em direção às principais cidades portuguesas, e através delas, até o Brasil. O interior lucense e ourensano, com pautas migratórias mais tradicionais orientavam seus destinos à Castela, Andaluzia e Portugal.

Para muitas famílias camponesas, o serviço militar representava um prejuízo nas economias familiares, ao perder "braços" na exploração agrícola ou nas rendas complementares das emigrações estacionais, além de privar os jovens de tempo para se instruírem ou adquirirem uma formação profissional (no caso das famílias com mais possibilidades econômicas). A escassez de recursos econômicos da maioria das famílias galegas diminuía a possibilidade de conseguir a isenção do serviço militar, uma vez que não havia meios de pagar a cota exigida pelo Governo ou a possibilidade de pagar um substituto.

Segundo os dados da *Estadística del Reclutamiento y Reemplazo*, publicados entre os anos de 1912 e 1920, as províncias com maior índice de prófugos eram Canárias, Oviedo, A Coruña, Pontevedra, Almería, Ourense, Lugo, Málaga, Santander e Madrid. Entre os anos de 1895 a 1933, Galiza era responsável por 29,85% dos fugitivos, em comparação com 13,71% do agregado espanhol; e em 1914, o número alcançou o máximo de 50,67% frente a 22,09% dos espanhóis. As guerras que atingiram todo o século XIX (Guerra de Marrocos, a Guerra cubana, a terceira guerra carlista, a guerra de Filipinas, a Guerra de África, entre outras) e as necessidades econômicas e sociais, unidas com as atrações dos países americanos, provocaram na Galiza uma alta porcentagem de jovens que buscavam fugir das suas obrigações militares.

No Alto Minho português, entre os anos de 1838 e 1860, segundo estudos de Fernandes Rodrigues, um grupo de emigrantes deslocou-se até municípios como os de Viana do Castelo com o objetivo de conseguir a retirada de um passaporte e partirem para o Brasil. Da mesma forma como aconteceu à maioria dos portugueses que foram para terras brasileiras, também os galegos escolheram um destino bem familiar, o Rio de Janeiro, para onde se ausentou mais de 81%.[17]

O escritor galego Xoan Neira Cancela, num dos seus textos do final do século XIX, intitulado *El brasileiro*, narra a história de um "rapazote, criado en las asperezas de las montañas de Lugo, ó en uno de los lugarejos de la provincia de Orense, cercanos á Portugal".[18] A referência ao país vizinho não é pura casualidade, demonstra o conhecimento do autor acerca da influência que sofreram os galegos de zonas próximas a Portugal, no momento de escolher o seu destino migratório. Estudos

17 FERNANDES RODRIGUES, Enrique. "Emigração galega para o Brasil através de Viana do Castelo (1838-60): análise à alfabetização e ao perfil sócio-profesional". In: EIRAS ROEL, A. (ed.). *Aportaciones al estudio... op. cit.*, p. 179.

18 O grifo é da autora. NEIRA, Xoan. *Os brasileiros*. Vigo: Edicións Xerais, 1999, p. 202.

relacionados com o concelho de Melón (Ourense) indicam para o período de 1651 a 1920 a cifra de 48,9% de emigrantes a Portugal. A partir de 1851, os vizinhos desse concelho começam a emigrar para diferentes países americanos, entre eles, o Brasil, como segundo país de destino, depois de Cuba, e a cidade do Rio de Janeiro como principal lugar de emigração a Brasil.[19] A literatura coincide com os dados históricos, que relacionam a emigração de concelhos galegos a Portugal como uma "ponte" para a posterior emigração a Brasil.

Nos *registros notariais*[20] do concelho de Santa Comba, aparecem, com muita frequência, informações sobre emigrantes que estavam em Portugal, confirmando, dessa maneira, a rota Galiza-Portugal-Brasil. No ano de 1870, por exemplo, no registro de Josefa Barbeito Caamaño, viúva, jornaleira e vizinha da paróquia de Mallón (Santa Comba), a mesma declara ante notário que

> su hijo Manoel Currais Barbeito, residente en la ciudad de Oporto, en el Reyno de Portugal, con el fin de agenciar su vida y sostener a la aqui otorgante, tiene deliverado ausentarse a la América del Sur, y como siendo de la edad de 23 años y libre de quintas y precisando por lo mismo de la licencia de su madre para ser admitido en el buque tiene ya contratado y satisfecho el flete.[21]

Apesar do documento não especificar a qual país da América do Sul emigrou Manoel Currais, tomamos conhecimento dessa informação, através das fontes localizadas no Brasil. Currais viveu no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. No ano de 1873, localizamos o mesmo emigrante como sócio matriculado no Hospital Espanhol dessa cidade. E a história não termina por aí. Havia diversos familiares seus, com o mesmo sobrenome "Barbeito", originários da mesma paróquia, também inscritos na mesma instituição. Junto com outro parente, chamado Anselmo José Barbeito, foi um dos primeiros emigrantes da paróquia de Mallón a se inscrever no Hospital Espanhol e, possivelmente, um dos pioneiros da cadeia migratória do município de Santa Comba, cadeia esta que se iniciou na segunda metade do século XIX e se estendeu por todo o século XX (até a década de 60).

Em outro concelho com emigração a Rio de Janeiro, Cotobade (Pontevedra), no século XIX, a emigração intrapeninsular, com destino às cidades do norte de Portugal, também jogou um papel importante. Temos um exemplo bem representativo de um prófugo chamado José Gómez, procedente da paróquia de Viascón, que no ano de 1831 embarcou na cidade do Porto rumo ao Rio de Janeiro.[22] Ou o caso de famílias divididas entre Portugal e Brasil, como os irmãos José Ignacio, Antonio e Manoel, da paróquia de Valongo, ainda no município de Cotobade. Os dois primeiros irmãos foram para a cidade

19 FERNANDES RODRIGUES, Enrique. *Op. cit.*, p. 170-172.

20 Seriam os documentos registrados nos cartórios, inventários, venda de propriedades, testamentos etc.

21 Arquivo Histórico da Universidade de Santiago de Compostela. *Protocolo de los instrumentos públicos, ano de 1870,* distrito de Negreira. Notario D. Angel Montero Torreiro, p. 91.

22 Arquivo Municipal do Concello de Cotobade (AMC). Livro de Quintas (alistamentos militares), ano 1831, registro 535/1.

de Chaves (Portugal) e o último para o Brasil.[23] Todos fugiam do serviço militar e constavam como ausentes nos livros de registros militares do Concelho do ano de 1831. No século XIX, desde o ano de 1831 até 1880, Portugal recebeu 72,6% dos prófugos de Cotobade. No seguinte século, os emigrantes começaram a dividir os seus destinos migratórios entre Brasil e Argentina.

Os exemplos acima ilustram a influência da emigração intrapeninsular, presente no século XIX, no posterior fluxo em direção à América. As anteriores experiências migratórias dos galegos, no século XVIII e XIX, acabam por orientar os municípios na escolha dos destinos americanos, como foi o caso de Santa Comba, Cotobade e Melón.

Na sociedade de acolhida: o convívio e o conflito nos trópicos

> [...] pediu o prato da cozinha da casa de pasto onde é empregado a Rua Visconde do Rio Branco, ao cozinheiro Manoel Facal Peres, um caldo especial para servir a um freguez da casa, que havendo demora elle declarante dirigio-se a porta da cozinha e pedia novamente do cozinheiro Manoel o caldo, que Manoel lhe dirigio pesado insulto e em seguida disse: "seu *gallego* leve isso lá para fora", apresentando-lhe o caldo [...][24]

Aqui iniciamos mais uma história envolvendo emigrantes espanhóis/galegos e portugueses nos comércios carioca do período da Primeira República. No dia 7 de agosto de 1909, os réus espanhóis Manoel Facal Peres e Laureano Taboada foram indiciados por ofensas físicas, após terem agredido o português Joaquim Gomes dos Santos. Curiosamente, ao contrário do que poderíamos pensar, o galego em questão, não são os espanhóis, mas sim o emigrante português.

Joaquim Gomes faz questão de enfatizar no seu depoimento que o espanhol utilizou a palavra "galego" para insultá-lo. Não é por acaso. Ele era consciente do peso que essa palavra tinha no imaginário dos trabalhadores galegos e portugueses. A frase *"seu galego leve isso lá para fora"*, é enfatizada no momento em que Joaquim estava pedindo ao cozinheiro (Manoel) que agilizasse seu serviço. A tensão se inicia quando o mesmo, em sua posição de caixeiro, exige melhores serviços do cozinheiro espanhol. Não está em jogo aqui analisar qual dos depoimentos apresenta maior veracidade e poder de convencimento, mas sim a surpreendente ofensa de um espanhol a um português, insultando-o de "galego".

O significado de "galego" foi muito utilizado no Jacobinismo,[25] o movimento antilusitano estreitamente vinculado à recém-consolidada República brasileira e formado por grupos republicanos

23 *Ibidem.*

24 Processos criminais. Depoimento da testemunha Joaquim Gomes dos Santos. 5ª Pretoria, Freguesia de Santo Antonio, 01 2346. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. O grifo é da autora.

25 O tema da emigração portuguesa e do jacobinismo está bem desenvolvido no livro de Gladys Sabina Ribeiro, *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002)

que pertenciam às camadas médias urbanas emergentes. Utilizava-se a expressão "*galego vai para tua terra!*", como uma forma de rechaço à população portuguesa que, além de ter a sua postura política associada ao monarquismo, também provocava a inimizade dos nativos devido ao monopólio de muitos setores do pequeno comércio da sociedade carioca, estreitamente ligados às classes baixas, como pensões, bares e botequins ou padarias. Aos antigos colonizadores, eram atribuídos vários males pelos quais a jovem República passava.

Nos processos criminais analisados na dissertação de mestrado de Gladys Sabina Ribeiro, a autora encontra a expressão "mata-galegos" utilizada diversas vezes como uma espécie de grito de guerra dos brasileiros contra os portugueses nos conflitos de rua do Rio de Janeiro do começo do século XX. Segundo palavras da própria autora: "são vários os processos em que o xingamento galego aparece (...), a velha instituição do 'mata-galego' teve sua chama reacesa e constituia-se no grito de morte e de ofensa contra os portugueses".[26] "Galego" era um xingamento, um insulto que fazia parte dos conflitos que envolviam lusos e nacionais em acirradas disputas pela sobrevivência no cotidiano carioca. Está claro que a palavra "galego", nesse contexto, nem se relacionava aos indivíduos originários da Galiza, nem tinha uma conotação positiva. Mas, claro está, que a palavra não chegou ao Brasil por acaso. A influência daqueles verdadeiros galegos –os originários da Galiza- que no século XVIII e XIX se dirigiam para as cidades portuguesas como Lisboa e Porto para trabalhar como ambulantes, caixeiros os nos serviços domésticos, atravessou o atlântico, carregado pelos emigrantes portugueses.

No entanto, tal como apontam alguns periódicos da época e seus importantes cronistas, sabia-se perfeitamente a diferença entre um galego e um português. Fato demonstrado e reivindicado por João do Rio na sua seção *Bilhete*,

> Quando os jacobinos chamam os portugueses de gallegos, ofensivamente devem partir primeiramente da idéia de que é humilhante trocar a pátria de alguém. Se chamarem a um brasileiro de argentino, ele não fica contente, apesar da Argentina ser uma grande nação sul-americana. Se chamarem V. de turco. V. Martínez de Tuy, V. fica furioso.[27]

Assim, quando Manoel Esteves xinga o português Joaquim Gomes de "galego" ele está, de alguma maneira, trazendo à tona, uma tradição migratória que remete desde a época das emigrações intrapeninsulareses e que encontra o seu ápice no cotidiano carioca do começo do século XX. É aí que galegos e portugueses se juntam nos comércios cariocas e convivem nos seus logradouros, ora em conflito, ora em harmonia, mas sempre interagindo no espaço do pequeno comércio. O processo-crime acima analisado está composto por três testemunhas e dois acusados, todos eles estrangeiros.

ou em *Cabras e pés de chumbo: os rolos do tempo – o antilusitanismo no Rio de Janeiro da República Velha*. Dissertação (mestrado) – Departamento de História – UFF, Niterói, 1987.

26 SABINA RIBEIRO, Gladys. *Cabras e pés de chumbo... op. cit.*, p. 51.

27 *A Pátria*, 15 de fevereiro de 1921, p. 2.

O dono do estabelecimento era o espanhol Indalecio Quintelo, que interferiu na confusão armada pelos seus empregados, os já citados cozinheiros Manoel Facal e Laureano Taboada e o caixeiro Joaquim Gomes. A primeira testemunha é um português, de 33 anos, lavador de prato da casa de pasto. A versão unânime é a de que, após uma acirrada discussão, os cozinheiros espanhóis arremessaram pratos no português, causando-lhe graves ferimentos. Na casa de pasto, da Rua Visconde do Rio Branco, n. 17, havia uma pequena rede de emigrantes da península ibérica. O empregador era um espanhol, e aí, talvez, a sua preferência também por empregados portugueses.

A construção dos estereótipos não se faz de um dia para o outro, e no começo do século XX o grupo de emigrante que estava mais em contato com a população carioca eram os portugueses. A ocupação profissional deles, suas características culturais e sua forma de comportamento, em resumo, a sua inserção sócio-profissional, possibilitou a construção de caricaturas que também estava vinculada ao processo de mudanças políticas e culturais que passava a sociedade brasileira neste período histórico. Os portugueses e os galegos representavam, sem dúvida, um importante número de emigrantes com características muito parecidas que podiam homogeneizá-los frente ao olhar crítico dos nativos. Um exemplo ilustrativo foi o do escritor brasileiro Aluízio de Azevedo, cônsul da cidade de Vigo (província de Pontevedra, Galiza) no ano de 1896. Ele refletiu nas suas cartas e/ou nos seus relatos de memória de viagem uma imagem dos camponeses galegos que correspondia a de um povo inculto, ignorante e sujo, com tendências amorais (abundância de filhos ilegítimos, permissividade em matéria sexual etc.), incompreensíveis para o habitante de uma grande cidade cosmopolita. As mesmas qualificações eram também utilizadas no Rio de Janeiro em relação aos emigrantes portugueses.[28]

O processo criminal citado nas páginas anteriores ilustra muito bem essa situação, além de reunir elementos valiosos para compreender o cotidiano desses emigrante s. Um deles é que todos os envolvidos no processo, tanto as testemunhas quanto os réus são de origem espanhola e portuguesa e pertencem ao setor da hotelaria. Analisando desde a perspectiva do mercado profissional e do contingente emigratório que habitava o Rio de Janeiro do final do século XIX/começo do século XX, encontramos os portugueses ocupando majoritariamente o ramo do pequeno comércio e dos hotéis e distribuídos pelas paróquias de São José, Santa Rita e Santana, além da Candelária. Os espanhóis/galegos também se encontravam nas áreas mais centrais, destacando-se as freguesias de São José, Santa Rita e Santo Antonio. Ambos emigrantes concentravam-se nas áreas de habitações coletivas, convivendo diretamente com as classes nacionais mais pobres, formadas por libertos e migrantes de outras regiões brasileiras. Isso significa que, em muitos aspectos do cotidiano carioca, onde já estavam estabelecidos os portugueses, se aglomeraram também os galegos, e perante os olhos dos nacionais, de alguma maneira, esse fator deve ter influenciado.

Seus logradouros, como a Rua do Lavradio, foram espaços fortemente ocupados por galegos e portugueses a partir da segunda metade do século XIX. Mais do que isso, era a principal freguesia

28 NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manoel. *O inmigrante imaxinario: estereotipos, representacións e identidades dos galegos na Argentina (1880-1940)*. Santiago de Compostela: Editora da Universidade de Santiago de Compostela, 2002, p. 60.

de concentração desses emigrantes.[29] Santo Antônio seguia-se às freguesias de Sacramento e São José (umas das mais populosas e também de grande concentração de portugueses) e compreendia ruas como a do Resende, Senado, Riachuelo, além dos bairros do Catumbi e de Santa Teresa.

Fabiana Popinigis, em seu livro *Proletários de Casaca, Trabalhadores do comerico carioca (1850-1911),* após analisar 1 112 processos crimes de ofensas físicas e homicídios conclui que, na classificação dos processos por freguesias, a Rua do Lavradio foi a campeã em ocorrências envolvendo trabalhadores no comércio. A freguesia de Santo Antonio reúne uma grande concentração de bares e botequins.[30] O presente trabalho não é um estudo diretamente relacionada com a temática da emigração, mas, quando a autora analisa os processos-crimes de pequenos comerciantes nas áreas centrais do Rio, inevitavelmente se depara coma presença constante de emigrante s espanhóis e portugueses. Um dos processos mencionados por Popinigis refere-se às desavenças ocorridas, no ano de 1901, entre o caixeiro espanhol José Cavenhago Pumar, de 19 anos, e o caixeiro português Alberto da Silva Peixoto, de 28 anos. Ambos trabalhavam nos arredores da Freguesia de Santo Antonio.

Ainda percorrendo as freguesias de Santo Antonio e seus arredores, nos deparamos com um processo de 1905, do galego Romão Villanova e do português João Bento que foram presos em flagrante, na Rua Riachuelo:

> os Réus presentes João Bento e Romão Villanova foram presos em flagrante pelo Doutor Delegado por serem encontrados a jogar o denominado jogo do "Bicho" sendo que João Bento era o banqueiro e Romão Villanova comprava o jogo, isto é, era o jogador.[31]

O português foi preso "por estar bancando o jogo denominado do Bicho" e o espanhol "por estar jogando ou comprando o referido jogo". Segundo os autos, "esse jogo é uma rifa que corre anexa á loteria da Capital Federal, determinando o grupo que ganha o final do primeiro premio da referida loteria com os denominantes de Antigo Rio Moderno e Salteado, como se verifica das listas encontradas em poder do réo João Bento e que são as mesmas que lhe são apresentadas nesta occasião". Dessa vez, não houve desavenças, mas sim certa união ou cumplicidade entre galegos e portugueses.

Romão Villanova, entretanto, tenta justificar que tem domicilio certo e profissão honesta, e leva duas testemunhas para atestar a sua condição de emigrante trabalhador. Nacionalidades das testemunhas: um espanhol e um italiano. O primeiro deles, Pedro Martinez, espanhol, de trinta e dois anos, casado, negociante, morador à rua do Lavradio cento e vinte e nove, sabendo ler e escrever, "declarou que conhece o prontificante, Ramon Villanova, há cerca de dez annos como homem serio

29 Vide a tese de doutorado Érica Sarmiento (*op. cit.*). No capitulo 4, se discute a inserção socioprofissional dos emigrante s no Rio de Janeiro, fazendo um mapeamento dos português, espanhóis e italianos pelos logradouros cariocas.

30 POPINIGIS, Fabiana. *Proletários de casaca, trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 188.

31 Processos criminais. 5ª Pretoria, Freguesia de Santo Antonio, 01 1264. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

e trabalhador, sendo actualmente empregado como pespontador e morador à Rua do Lavradio cento e sessenta e nove".[32] Segundo depoimento do acusado, ele entrou no negócio do português "afim de tomar [um] alcoólico, por isso que a casa é um depósito de bebidas".

Os réus foram absolvidos, pois segundo a defesa, as irregularidades do processo eram evidentes. Queriam incriminar o português dono da venda e o espanhol que lá ia consumir um *"alcoólico"*. À falta de um auto de apreensão das listas do jogo e o fato de não constar que os depoimentos tenham sido lidos às testemunhas e delegando falta de prova da existência da contravenção por insuficiência dos dizeres das testemunhas do flagrante, os réus são absolvidos por falta de provas.

Devemos pensar que os portugueses, para os primeiros galegos que chegaram ao Rio de Janeiro, podia ser um ponto de apoio, não só devido à semelhança linguística e cultural que os uniam (nos referimos aos portugueses do Norte) como ao fato dos lusos já estarem estabelecidos e adaptados no Brasil muito antes que outros emigrantes. Daí a possibilidade desses galegos terem frequentado os mesmos locais de trabalho e também os espaços de sociabilidade, como as associações mutualistas. Seja através do bom convívio ou do conflito, o apoio e as rivalidades só existiram- e aí estão os documentos para comprovar- porque esses dois grupos de emigrantes estavam muito próximos no cotidiano carioca, frequentando os mesmos ambientes de trabalho e os mesmos lugares de ócio.

32 *Ibidem.*